

4.

Metodologia da pesquisa

Neste capítulo, procuro explicitar a base metodológica que deu suporte à pesquisa, segundo Denzin e Lincoln (2006). Meu estudo se insere no campo das pesquisas qualitativa e interpretativa.

Inicialmente, na primeira seção deste capítulo, discuto a natureza da pesquisa. Na segunda seção trato da pesquisa etnográfica. Na terceira, apresento o contexto da pesquisa. A seguir será tratada a entrevista de pesquisa e serão trazidos os seus pormenores.

4.1. Natureza qualitativa da pesquisa

A pesquisa qualitativa “revela uma longa, notável e, por vezes, atribulada história nas disciplinas humanas” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 15). Na sociologia, os trabalhos da “escola de Chicago” das décadas de 1920 e 1930 delinearão a secularidade desse método para o estudo da vida de grupos humanos. Enquanto isso, a antropologia de Boas, Batenson e Malinowski, dentre outros, delimitaram o método do trabalho de campo. Assim, era composto um método em que “o observador partia para um cenário estrangeiro, a fim de estudar os costumes e os hábitos de outra sociedade ou cultura” (idem, *ibidem*, p. 15).

Atravessando disciplinas, campos e temas, a pesquisa qualitativa pode ser definida, genericamente, como “uma atividade situada que localiza o observador no mundo” (idem, *ibidem*, p. 17). É um conjunto de práticas que transforma o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e lembretes. Ela envolve uma abordagem interpretativa, já que o pesquisador estuda os objetos em seus cenários naturais, visando “entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (idem, *ibidem*, p. 17).

O pesquisador qualitativo utiliza diversos materiais empíricos e estratégias que estejam ao seu alcance. Daí a famosa metáfora de Denzin & Lincoln (2006, p. 18), do “*bricoleur* ou confeccionador de colchas”. A pesquisa qualitativa,

portanto, não admite apenas um paradigma metodológico, o que possibilita o emprego de diversas ferramentas de análise pelo pesquisador.

Em minha pesquisa, adoto uma perspectiva de análise com foco em entrevistas e anotações de campo. Sendo assim, me posiciono como *bricoleur* interpretativista e entendo a pesquisa como “um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade” (idem, *ibidem*, p. 20) minha e das pessoas participantes do cenário.

4.2. Pesquisa etnográfica

Ao estudar os aspectos socioculturais e históricos em suas interações com os sujeitos imersos em uma cultura, é preciso considerar as características e configurações processuais da relação entre pessoa, contexto e cultura, como algo sempre em desenvolvimento, em mudança. Isso é especialmente interessante quando se entra e em contato com realidades diferentes daquelas em que se está inserido. Alguns elementos, que outrora eram tidos como universais, tornam-se questionáveis; outros causam estranhamento devido ao olhar etnocêntrico, que tende a filtrar e desqualificar os fenômenos que não são familiares.

Imbuídas dessa perspectiva etnocêntrica, as nações ditas civilizadas entravam em outros territórios, impondo crenças e valores por acreditarem na veracidade de suas convicções e por não tolerarem as diferenças. Como efeito, muitas nações, povos e tribos foram desapropriados do seu saber, de seus ritos, de sua cultura (Geertz, 1997).

Seguindo um caminho oposto aos dos colonizadores, a antropologia entrou em culturas originalmente vistas como exóticas a fim de conhecer seu saber local, para entender sua forma de organização social, princípios e valores. Foi Malinowsky (1978) o pioneiro no relato dessa experiência. Tendo vivido cerca de três anos nas Ilhas Trobriand em meio aos nativos, seus diários de campo foram basilares para que se delineasse a metodologia etnográfica, que se tornou marca da pesquisa em antropologia até os dias atuais.

Segundo Fox (1998), a palavra etnografia deriva de “cultura escrita” e está diretamente relacionada ao método de observação utilizado por cientistas sociais ao pesquisar as culturas. Contudo, no contato com o campo, a pesquisa se constrói

não apenas por meio da observação, mas também a partir de entrevistas que visam apreender a realidade pela ótica do participante.

Baseados em uma perspectiva multicultural, os métodos etnográficos consideram que a pesquisa cultural é, no mínimo, um exercício de co-construção e comparação, uma vez que o pesquisador constrói a realidade observada a partir da negociação de significados entre sua cultura de origem e as culturas que ora se apresentam (Miller et al, 2003).

Sendo assim, a etnografia contemporânea implica três características: a perspectiva multicultural, diretamente associada a um comportamento ético de não hierarquização cultural e superação de toda forma de etnocentrismo; a construção e análise de dados, que devem ser ao mesmo tempo microscópicas e holísticas, estabelecendo fontes coerentes entre o local e o global (Geertz, 1997; Miller et al, 2003); e a investigação etnográfica como um processo dinâmico, que requer flexibilidade para ver e rever a realidade na interrelação com o universo pesquisado.

A perspectiva multicultural aponta para a impossibilidade de apreender uma realidade que esteja ilesa às transformações causadas pela interposição das diversas culturas nos contextos globalizados. Remete também aos estudos culturais, às culturas híbridas e em transição, nas quais os diferentes sujeitos se posicionam a partir da negociação semiótica em suas construções pessoais, sem considerar as tensões que entre elas podem se estabelecer (Hall, 2000).

A ideia de que a construção de resultados deve ser ao mesmo tempo microscópica e holística implica focalizar os detalhes, estabelecer interações dialógicas e promover práticas discursivas e sociais. Dessa forma os sujeitos se posicionam em seus microcontextos de atividade, e ao mesmo tempo podem ser analisados com bases nas práticas sociais mais amplas, em que se constroem as vozes sociais de grupo.

Essas idéias remetem a métodos como a entrevista e as observações participantes. Estas possibilitam o entendimento e a vivência das práticas culturais. Já aquela contribui para a apreensão mais profunda do microcosmo e da subjetividade. Na relação entre o micro e o macrocontexto, o etnógrafo desenvolve suas interpretações contextualizando o primeiro no segundo (Geertz, 1978; 1997).

Por fim, a ideia de um processo dinâmico consolida a dimensão inapreensível da realidade e a necessidade de flexibilidade e de participação nas interações para que haja respeito à alteridade cultural, que se revela ao passo que o pesquisador se relaciona com os pesquisados.

Por maior que seja o grau de intimidade que tenha com o seu objeto, a intersubjetividade conseguida, o movimento do antropólogo no campo será regulado também por sua curiosidade, seu interesse, suas incertezas específicas. “O conjunto de tais movimentos e vivências compõe o mapa mental da pesquisa, projeto, hipóteses, comprovação, suficiência da comprovação, relativização das projeções pessoais sobre experiências vividas” (Milito, 1995).

Muitas transformações ocorreram nas ciências sociais desde Malinowski aos dias de hoje. A epistemologia qualitativa foi legitimada como uma forma de construção do conhecimento, mesmo quando investiga o domínio das singularidades. A pesquisa etnográfica contemporânea incorpora, portanto, uma orientação construtivista e compreende a existência de múltiplas realidades que só podem ser apreendidas a partir da relação entre pesquisador e pesquisado em contextos naturais (Denzin & Lincoln, 2006).

Dessa forma, minha pesquisa de cunho etnográfico (Miller et al, 2003), inserida na perspectiva contemporânea dos estudos culturais (Hall, 1999; 2000), coordena a observação participante, os registros de campo e a entrevista de pesquisa (Mishler, 1991). A análise integrada das informações geradas por essas três estratégias atende ao movimento de co-construção da realidade.

4.3. O contexto da pesquisa

Os dados da pesquisa foram coletados no Morro do Sossego, uma das regiões atendidas pelo Instituto Vila Rosário. Cheguei a essa localidade por meio da solicitação do Prof. Claudio Costa Neto (Instituto Vila Rosário/IQ-UFRJ), que, mediante o contato da Profa. Clarissa Rollin (PUC-Rio), participou de reuniões do Grupo de Pesquisa Linguagem, Cultura e Trabalho, liderado por minha orientadora, Profa. Maria das Graças Dias Pereira.

Nesses encontros, Costa Neto, coordenador do Instituto apresentou ao grupo o trabalho feito por sua equipe na região de Vila Rosário (Duque de Caxias – Rio de Janeiro) e trouxe dois obstáculos relacionados às atividades da instituição.

O primeiro, e o mais grave para Costa Neto, seria o problema de comunicação com os moradores da região. Para o químico, a falta de comunicação estaria acarretando o insucesso nos tratamentos e na prevenção da tuberculose. Visto dessa forma, o problema recairia sobre a relação entre os moradores e as agentes comunitárias de saúde, já que os moradores não estariam compreendendo bem as informações sobre o tratamento. Sendo assim, para o coordenador do Instituto, o papel de “tradução” dos conhecimentos médico-científicos (Geetz, 1983; Nunes et al., 2002) não estaria sendo cumprido de maneira satisfatória.

Outra preocupação trazida por Costa Neto são as condições de vida bastante humildes em que vive grande parte dos moradores de Vila Rosário, o que também estaria relacionado à dificuldade de controle sobre a tuberculose. Ele acresce a esse contexto de precariedade material a falta da “cultura do saber”. Segundo Costa Neto, por não irem em busca do conhecimento, os moradores da região acabam se inserindo na cadeia da miséria e da doença na região (Costa Neto, 2002, 2003, 2004, 2007).

Foi nesse contexto que Costa Neto ofereceu ao grupo oportunidades de pesquisa na região de Vila Rosário, sendo encaminhado então o projeto “O discurso institucional e profissional na prevenção e educação no combate à tuberculose” (Coordenadora: Clarissa Rolin. Co-Coordenadora: Maria das Graças Dias Pereira) e, logo a seguir, o projeto “Vila Rosário: Práticas discursivas da comunidade e representação social na prevenção e educação no combate à tuberculose” (Coordenadora: Maria das Graças Pereira), no qual minha pesquisa está inserida.

Os projetos foram aprovados pelo Instituto Vila Rosário e pelo Comitê de Ética da PUC-Rio para que pudéssemos iniciar o trabalho de campo, em que estavam inclusas as entrevistas com os moradores. A agente de saúde que participou de minhas visitas e cada morador participante da pesquisa assinaram um termo de consentimento (apresentado em anexo) em que explicava os objetivos da pesquisa e ressaltava a proteção da identificação do participante.

Aprovados os projetos, iniciei minha participação nas reuniões semanais do Instituto, entre o Diretor, Prof. Cláudio Costa Neto, as agentes e a equipe de pesquisadoras. Nesses encontros, comecei a compreender melhor a rotina de trabalho das agentes e as condições de vida da comunidade. Após esse ponto de partida das reuniões, fui a primeira do grupo a iniciar as visitas à comunidade,

mais especificamente na região de atuação da agente Custódia, o Morro do Sossego.

4.3.1. Vila Rosário

Na região de Gramacho (Segundo Distrito de Duque de Caxias, denominado Campos Elíseos), existe uma área de aproximadamente 30km² com uma situação econômico-social debilitada conhecida como Vila Rosário, bairro situado na área próxima ao canal do rio Sarapuí e à Avenida Presidente Kennedy (antiga estrada Rio-Petrópolis), habitada por cerca de 50 mil pessoas (Costa Neto, 2007). Vila Rosário está situada a quinze minutos do centro da cidade de Duque de Caxias, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Suas fronteiras se dão, ao sul, o Rio Sarapuí, que faz divisa com o Primeiro Distrito da cidade; ao norte, o rio Iguaçu, que faz divisa com o restante do Segundo Distrito; a leste, a ferrovia que liga a Cidade do Rio de Janeiro a Guapimirim; e a oeste, a fronteira com o município de Belford Roxo, por onde passa a linha de alta-tensão de Furnas.

Geograficamente, não se trata de uma região uniforme, há morros e planícies. A parte que se situa às margens do rio Sarapuí é rebaixada e se alaga facilmente com a subida do nível dos rios durante o verão, situação muitas vezes reportada nos jornais e telejornais do estado. É uma região ocupada por uma grande comunidade, conhecida, genericamente como Bairro da Fraternidade, cuja distribuição de recursos é heterogênea. Em uma mesma rua ou beco em que o saneamento básico se faz presente, há moradores que mantêm em suas casas sumidouros, colocando em risco a vida de suas crianças devido à iminência de algum acidente.

Desde 1928, tem recebido, assim como outras regiões da Baixada Fluminense, uma grande imigração de nordestinos, vindos, principalmente dos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Sergipe. Segundo Costa Neto (2002), no final da década de 1920, novos investimentos e facilidades oferecidas pelo governo federal atraíam esses retirantes, que ocuparam, em massa, as margens do rio Meriti, deixando o centro de Duque de Caxias para o comércio e para as residências da elite local. Além desses grupos nordestinos, há um número expressivo de mineiros e capixabas, o que seria apenas um dos fatores que proporciona a heterogeneidade existente em toda a região.

O acesso à educação é quantitativamente razoável, visto que há quatro Centros Integrados de Escolas Públicas (CIEPs), sete escolas municipais, três escolas estaduais, vinte e cinco escolas particulares e uma universidade (Costa Neto, 2002). Não há creches públicas na região.

As ofertas de emprego na região são escassas e concentradas nas instituições de ensino, nos pequenos comércios, em fábricas (de sacos plásticos, de embalagens de papel e de estampas em camisetas e faixas). A maior parte dos trabalhadores são empregados na cidade do Rio de Janeiro na construção civil, no comércio ou em empregos domésticos (Costa Neto, 2002).

Essa área concentra um número elevado de casos de tuberculose (cerca de 200 casos por 100 mil habitantes), o que caracterizaria uma baixa qualidade de vida dessa comunidade (Costa Neto, 2007). Segundo Costa Neto (2007), essa baixa qualidade de vida, poderia ser definida também com base em um conjunto de parâmetros de ordem material e moral.

4.3.2. O Instituto Vila Rosário

O Instituto Vila Rosário, anteriormente denominado Sociedade QTROP de Química Fina para o Combate a Doenças tropicais, é uma organização não governamental sem fins lucrativos. Sua atuação desde 1997 em Vila Rosário objetiva contribuir para a eliminação da tuberculose nessa região. Vale ressaltar que, para o Instituto, Vila Rosário designa uma área maior que o bairro que lhe dá o nome (e foi essa designação que levei em conta na seção 4.3.1).

Em 1999, foi aprovado um projeto, encaminhado pela Sociedade QTROP à Fundação Nacional da Saúde, que visava complementar as ações da Secretaria de Saúde de Duque de Caxias na descentralização do tratamento da tuberculose, que se daria em todo o município. Porém, por descaso da referida Secretaria e do rompimento com o Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, o programa não se iniciou efetivamente.

A partir da parceria entre a Sociedade QTROP e um centro de saúde, o Serviço Médico Social Comunitário, vinculado a ASPAS (Associação Social Paulo VI), que atuava na região de Vila Rosário com estreita ligação com a Igreja Católica, o projeto pôde se tornar real, visto que já possuíam a base necessária para assistir os doentes.

Além do tratamento médico, esse centro de saúde “buscava resgatar a cidadania da população local” (Costa Neto, 2002, p. 333). Os agentes comunitários que o compunham trabalhavam de forma voluntária nesse Ambulatório.

Nesse mesmo ano, foi feito o cadastramento da população local. Cada agente comunitário empenhou-se em identificar casos de tuberculose e de lepra. Os dados obtidos confirmaram uma grande taxa de tuberculose na região (Costa Neto, 2002).

Hoje, com o Instituto Vila Rosário já estabelecido, muito ainda precisa ser feito e há de ser feito, visto que o Instituto não se propõe apenas a combater a tuberculose, mas a melhorar as condições de vida dessa população de uma forma geral. Para isso, por exemplo, são feitas palestras e cursos voltados para obtenção de renda como o de artesanato.

4.4. Entrevista de pesquisa

A entrevista de pesquisa é uma importante ferramenta para a compreensão dos sentidos que os indivíduos fazem de si mesmos e a sua compreensão do mundo e de suas experiências (Bastos, 2005). Ao entender a entrevista como um evento discursivo, considero uma série de elementos que antes foram negligenciados pelas teorias tradicionais.

4.4.1. Entrevista de pesquisa como evento de interação

As entrevistas de pesquisa eram consideradas uma simples troca verbal face a face, na qual o entrevistador buscava *extrair* informações do entrevistado (Maccoby & Maccoby, 1954 *apud* Mishler, 1991) e um padrão de interação, no qual a relação entre entrevistador e entrevistado era altamente especializado (Kahn & Cannell's, 1957 *apud* Mishler, 1991).

A partir das observações de Mishler (1991), novas considerações passam a ser feitas, visto que esse autor mostra as fragilidades dessas abordagens tradicionais ao lidar com a pesquisa no campo das ciências sociais. Mishler buscou elaborar uma alternativa adequada, que se apropria da entrevista como um discurso entre o entrevistador e o entrevistado. Tal atividade seria, portanto,

diretamente governada pelas regras para uso do discurso e representam um nível na hierarquia das unidades sociais, dentre as quais estão comunidades, situações e atos de discurso (Hymes, 1967 *apud* Mishler 1991).

Compreendendo a entrevista como prática interacional, legítima como qualquer outra, Baker (2001) identifica cinco elementos-chave para lidar com a prática da entrevista.

O primeiro consiste em entender a entrevista como uma interação conversacional. É preciso, portanto, observar seu desenrolar turno a turno.

O segundo elemento é atentar para o fato de que as entrevistas não são meras atividades de relato, mas sim atividades de avaliação e significação, “através da qual os participantes podem incluir explicações, atribuições e descrições, entre outros, no conteúdo de sua fala sobre determinado tópico” (Barros, 2008, p. 33). Dessa forma, os participantes não apenas trazem categorias, mas também são categorizados e os turnos são, ao mesmo tempo, produtores e sensíveis ao contexto em que se inserem as entrevistas.

O terceiro elemento-chave é o processo de categorização em si. Existem categorias que são utilizadas como orientadoras da entrevista e há atributos relacionados às categorias que estão em torno da entrevista que são trazidas para ela.

O quarto elemento é a produção de identidades. Quando o tópico da entrevista é o próprio entrevistado, este pode ser questionado em termos de seu pertencimento a uma categoria (em meu trabalho, ao menos, relacionada à família). Sendo assim, o participante produz e negocia a visão de si e sua identidade ao longo da conversa.

O último elemento-chave está relacionado às visões de mundo que são expressas na entrevista. Os mundos, verídicos os não, delineados nessa construção interativa apresentam-se estruturados e baseados em um raciocínio prático, com a possibilidade de criação de personagens e atividades.

A entrevista hoje parece entrar em um processo de democratização que passa a ser mais que um encontro social, como uma boa conversa (Rice e Douglas, 2001), em que o entrevistado é a pessoa que mais fala. Rice e Douglas (2001) afirmam que uma boa entrevista faz o entrevistado pensar sobre suas experiências quando o entrevistador torna-se ativamente envolvido, encorajando o entrevistado a conversar sobre o tema da pesquisa.

A subjetividade individual e os contextos socialmente formados a partir da entrevista podem ser entendidos, quando em processo colaborativo entre o entrevistador e entrevistado. A entrevista passa a lidar com perguntas imanentes como as de uma conversa, principais fontes de significados produzidos nas respostas casuais (Gubrium e Holstein, 2003).

O novo olhar sobre as entrevistas as transformam em conversas mais distensas, mesmo com estranhos. Conversar sobre a vida das pessoas revela-se como um novo processo de interação com a atuação de dois papéis fundamentais: o entrevistador e o entrevistado que compartilham visões e sentimentos significantes sobre a vida, em um processo de entendimento construído social e culturalmente.

4.4.2. A realização das entrevistas e os participantes

As entrevistas que compõem meu estudo foram coletadas de março a maio de 2010. Juntamente com Custódia, visitei as casas dos entrevistados, dando-se nesse espaço, todas as entrevistas.

Neste momento, apresento os sujeitos participantes das entrevistas:

4.4.2.1. A participação da agente Custódia: minha colaboradora de pesquisa

Custodia Maria Pereira da Silva, 53 anos, separada, mãe de três filhos (biológicos: um maior de idade e a caçula, com quem mora; adotivo: também maior de idade) é técnica em enfermagem e uma das sete agentes comunitárias que trabalham para o Instituto Vila Rosário. Brasileira, nascida no Espírito Santo, na cidade de Apiacá, veio com seus pais e irmãos para a região em 1964, com o intuito de conseguirem melhores condições de vida. Seu trabalho com a comunidade foi iniciado na Pastoral da Igreja São Sebastião na década de 70 como voluntária, mas na época sem a formação de agente de saúde. Só em 1996, Custódia e as demais voluntárias receberam o treinamento de agentes. Em 1997, Custódia e as outras agentes passaram a trabalhar em parceria com o grupo QTROP e apenas em 1999 deixaram de ser voluntárias e passaram a ter vínculo empregatício.

Hoje Custódia é a agente mais antiga do Instituto, depois do falecimento e a aposentadoria de duas que iniciaram na mesma época que ela.

Além dos compromissos que tem pelo Instituto, Custódia é vista pela comunidade como uma pessoa com grande capacidade de resolução de problemas, seja uma questão de saúde ou material. Por vezes, a vi socorrendo pessoas em crise, como no caso do filho de uma de nossas entrevistadas para lhe dar os primeiros-socorros, auferindo a pressão arterial de quem solicitasse ou até mesmo arrecadando alimentos entre os vizinhos para auxiliar uma família que não tinha o que comer naquela semana.

Meu trabalho de campo foi acompanhado por essa agente de saúde comunitária associada ao Instituto Vila Rosário. Ela foi a responsável por me apresentar o bairro e os moradores do Morro do Sossego, na região do Pantanal, sua área de atuação. Antes do início as entrevistas, houve um processo de negociação feito pela agente de saúde envolvida. Custódia conversava previamente com os moradores, explicando o objetivo das entrevistas. A partir de uma aceitação prévia, Custódia me até a residência da família a ser entrevistada.

Em minha pesquisa, portanto, Custódia foi muito além do papel de uma agente comunitária de saúde. A sua participação influenciou os dados provenientes das entrevistas em dois âmbitos. O primeiro está relacionado à escolha das famílias entrevistadas, segundo a agente, pelo critério “ter história pra contar”. O segundo âmbito foi devido à pré-seleção dos participantes, visto que, ela se incumbiu de perguntar previamente aos moradores quais estariam interessados em participar da pesquisa. Em muitos momentos de meus dados, nos quais ela participa colaborando com o andamento da entrevista, por já conhecer intimamente os moradores, ela solicita que o entrevistado fale sobre um determinado tópico, ou até mesmo colabora para a construção de determinadas descrições.

4.4.2.2. Os moradores

De um total de 70 entrevistas, realizadas entre março e maio de 2010, apenas quatro foram selecionadas para compor meu trabalho. Ao longo desse processo de escolha, foram levadas em conta a qualidade das gravações em áudio, visto que algumas delas apresentavam fortes ruídos que impediam o entendimento

da fala dos participantes (como gritos de criança, bombas de sucção, televisão, rádio); e a apresentação de um maior número de informações sobre os integrantes das famílias. Porém, o critério mais importante se relaciona à heterogeneidade encontrada na constituição das famílias entrevistadas ao longo de minha trajetória de pesquisa. Por isso, apresento duas famílias, cujas organizações estão mais próximas de um modelo tradicional, e outras duas com claros deslocamentos de papéis entre seus membros.

Dentre os entrevistados, havia homens, em sua maioria aposentados, idosos e mulheres, do lar, desempregadas, pensionistas. Acredito que esse perfil de entrevistados foi composto pelos dias da semana (terças e sextas) e pelo horário (entre 9 e 17h) em que aconteceu o trabalho de campo.

4.4.2.3. A pesquisadora

Eu, que assumo na pesquisa o papel de pesquisadora e mantenho meu nome nas transcrições das entrevistas assim como o de Custódia, tenho 25 anos e sou professora de Língua Portuguesa e Literatura das redes públicas de ensino do Estado do Rio de Janeiro e do município do Rio de Janeiro. Sou casada, sem filhos, moradora do subúrbio carioca desde os cinco anos de idade, nasceu na cidade da Baixada Fluminense São João de Meriti.

Minha presença no Morro do Sossego causou muita curiosidade na região. Muitas vezes fui interrogada pelos moradores de qual seria minha função ali. Fui muitas vezes confundida com médica e assistente social. Devo esclarecer que minha apresentação era feita como uma professora que estava trabalhando com Custódia pelo Instituto no intuito de conhecer a região. Fui muito bem acolhida nas casas em que visitei. Por vezes, fui convidada para refeições, festas de aniversário e presenteada com ovos e frutas.

Ao longo desses meses em que acompanhei o cotidiano da comunidade, fui percebendo que a região a qual visitei era muito mais plural que a realidade trazida no discurso biomédico do Instituto Vila Rosário. Na comunidade, é possível perceber várias realidades socioeconômicas e arranjos familiares, sem entender esse panorama como algo desordenado e/ou negativo.